

Bruno Henrique de Souza Soares

e-mail: brunohenrique.qi@outlook.com

telefones. 11.9.9797.1717 / 11.2303.0726

estudante de Filosofia da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH), da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Título: A atual função da Universidade: produzir desemprego em massa

Categoria: artigo independente

Palavras-chave: *universidade; desemprego; mercadoria; miséria; conciliação de classes.*

--

Resumo: *O presente trabalho aborda uma análise sobre o cenário social das últimas duas décadas no país, a partir das reformas governamentais para a Educação, apoiadas em demandas legítimas da sociedade como “educação para todos”, “democratização do ensino”, até o atual slogan “Pátria Educadora”, e suas implicações reais na sociedade atual. Assim, procura-se entender o significado de programas como REUNI, PROUNI e FIES, tendo em vista sua concepção, seu teor legal e sua vigência prática; isto é, o que há por trás de tais políticas públicas, a quem servem. Nesse sentido, que papel cumpre o governo para a educação e a educação para o governo, é o que procuro seguir a partir das próprias trajetórias de alguns casos típicos, dando a voz a eles, através de citações oriundas de reportagens em jornais de grande circulação. Outro ponto em discussão se refere à Universidade, que nos últimos anos cresceu em extensão e em profundidade, tendo em vista o Ensino Superior Público e Privado. Procura-se relacionar elos entre a educação básica e o ensino superior; além disso, pensar, criticamente, o “boom” das universidades particulares, em especial. E por fim, o artigo constata que, no Brasil, essa expansão no Ensino, e sobretudo, no Ensino Superior não significou, como poderia parecer à primeira vista, que a Economia do país incorporaria tamanha força produtiva sendo formada; mas pelo contrário, a luta por conseguir um diploma resultou, na prática, em uma imensa coleção de desempregados, desempregados diplomados.*

A atual função da Universidade: produzir desemprego em massa

Por bruno henrique de souza soares

Se hoje o slogan “Pátria Educadora” é marcado por cortes econômicos na área da Educação – desde o MEC até estados e municípios, cortes esses respondido por greves em todo o Brasil, pelos trabalhadores, tanto da educação básica como do ensino superior, lutando por melhores salários e condições de trabalho, e portanto, contra os cortes que recai nas costas dos trabalhadores da Educação – que poderíamos dizer do antigo slogan *governista*: “educação para todos”, “democratização do ensino” e outras expressões do mesmo gênero, tão agradáveis aos ouvidos, mas de eficácia social questionada.

Ora, o governo do PT, que capitalizou os anseios dos movimentos sociais e populares por uma inclusão social na educação básica e no ensino superior, foi capaz de transformar essa reivindicação legítima num projeto de *conciliação de classes*, produzindo a ilusão na imensa maioria da população pobre de que finalmente fariam parte dessa camada alfabetizada, intelectualmente desenvolvida e com possibilidades de crescimento pessoal, profissional (e salarial), mas que na prática, tão só aplica as diretrizes do capital internacional por um ensino quase que puramente técnico na maioria dos casos, e cada vez mais rebaixado do ponto de vista da formação do estudante, e dessa forma, busca enriquecer os bancos e os capitalistas da educação.

Isso se dá através de programas como FIES e PROUNI – no caso do ensino superior privado –, ou com o surgimento de Universidades sem estrutura, nem planejamento, muito menos condições de permanência – no caso do REUNI – ou, se tratando do ensino público na educação básica, cria um sistema de ensino que na prática busca apenas administrar o controle físico e ideológico do jovem, acostumando-o a receber ordens e acatá-las, adaptá-los à vida social através de salas superlotadas, e porque não apontar a *semelhança* estrutural do ponto de vista físico, operacional e nos hábitos instituídos, das escolas públicas com o *regime de quartel* da fábrica e a *violência repressora* do sistema prisional em nosso país.

E para essa imensa juventude que frequenta a escola pública básica, nas atuais condições, qual é a perspectiva desta de adentrar o Ensino superior, sendo capaz de passar pelo *funil* do vestibular – mesmo que este se chame ENEM – e assim, possa se tornar essa minoria que adentra o ensino superior?

Para alguns, essa questão começou a ser resolvida com os programas que citamos a pouco (FIES, PROUNI, REUNI), dando o nome de “políticas públicas”. Contudo, se olharmos mais de perto, pode-se perceber, sem grande dificuldade, que tais programas simplesmente transferem o dinheiro em posse do governo – que não é senão o nosso próprio dinheiro – para esses magnatas do capital que tratam a educação como uma mercadoria, como outra qualquer¹, e, portanto, não visa estruturar, do ponto de vista de “políticas públicas” um cenário que pudesse ampliar, efetivamente, o acesso e as condições de permanência em instituições educacionais. Além disso, também podemos reconhecer que tais medidas só foram possíveis, pois o Brasil passou por uma conjuntura economicamente favorável, momento este que se esgotou.

Um fato digno de nota sobre a *finalidade última* de programas como PROUNI e FIES, é o apontamento da Controladoria Geral de União (CGU), noticiado na Folha de São Paulo (notícia: *Auditoria encontra alunos já mortos e de alta renda no sistema do Prouni*, 25/05/2015²), sobre a existência de “alunos-fantasmas”, angariando somas volumosas de dinheiro público até mesmo para estudantes que não existem. Os dados analisados pela CGU correspondem entre os anos de 2005 a 2012, e constatou a existência de 47 estudantes mortos como beneficiários do programa PROUNI, assim como 4.400 bolsistas com rendimento superior ao que permitido. Isso sem falar na quantidade de estudantes que, através do FIES, quando conseguem se formar, ficam endividados, ou nem

1 Cabe notar que, *para eles*, ao tratar a educação (e em última análise, o diploma, diga-se de passagem) como mercadoria, acontece o mesmo com qualquer outra mercadoria, o único objetivo é vender, realizar o valor de troca (dinheiro pela mercadoria), e não importa o uso, isto é, o valor de uso dessa mercadoria. Sendo que, seja qual for a matéria que se torne mercadoria, que ela possa ser trocada no mercado por dinheiro. Tanto faz se o objeto da venda são batatas ou diplomas.

2 Conferir: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/05/1633397-auditoria-encontra-alunos-ja-mortos-e-de-alta-renda-no-sistema-do-prouni.shtml>

conseguem se formar, e permanecem com dívidas insustentáveis³. E segundo notícia veiculada em 2010 pelo jornal Folha, informa que dos 250 mil contratos em fase de pagamento na época, 50 mil estavam em dívida, como podemos ler (notícia: *Caixa cobra 37 mil fiadores de universitários*⁴).

E visto que, em primeiro lugar, fica implícito que a Universidade, como instituição que teria por função ser o espaço de pesquisas, estudos, da liberdade do pensamento, *ao menos no Brasil* ela deixou esse papel a âmbitos tão reduzidos que beiram a inexistência, e em substituição, assumiu o papel de que a Universidade serve hoje tão somente para a formação para o mercado de trabalho, isto é, preparação formal e técnica para a força de trabalho medianamente especializada em diversas áreas de atuação.

Sendo assim, cabe questionar se ao menos esse papel a Universidade, no Brasil, tem levado a cabo. E pelo *cenário geral*, pode-se constatar que ela tem feito um trabalho *ruim*, visto que muitos concluem o curso com dificuldades elementares: seja na sua capacidade cognitiva, no uso da língua nativa, o português – quando não há casos de sujeitos que se formam na condição de analfabetismo funcional – e até mesmo nas capacidades técnicas na sua área de atuação.

E em segundo lugar, exatamente devido a essa *alteração* descrita, cabe questionar que, se o mote de tais pretensas “políticas públicas” de democratizar um ensino que se tornou pura e simplesmente formação para o mercado de trabalho, isto então significaria maior capacidade, para o país, de incorporar tamanha força produtiva de milhares de jovens e adultos que, ao adentrarem a universidade, sonham em seus futuros empregos e carreiras?

Vemos que é exatamente o oposto o cenário de quem concluiu seus cursos universitários. A perspectiva é o desemprego. Portanto, o que parecia, à primeira vista, como um programa social que favoreceria a imensa maioria da população pobre com o slogan “democratização do ensino” se mostra, em verdade, como socialização do desemprego, da miséria de milhares de profissionais diplomados sem nenhuma perspectiva no futuro imediato – claro que, sem antes enriquecer os monopólios do ensino superior privado e das empreiteiras que superfaturam centenas de obras nas universidades públicas.

Das universidades particulares às públicas, dos cursos mais humanitários aos mais voltados ao mercado, do norte ao sul do Brasil, a Universidade cumpre essa *miserável* função, de formação em série, periodicamente, sem cessar, de um volumoso exército de desempregados diplomados.

Se esse cenário, que foi construído nas duas últimas décadas, se deu numa conjuntura economicamente favorável, as perspectivas são muito piores, quando a crise econômica mundial se manifesta no Brasil, depois de sacudir países à beira da falência como Grécia, Egito, Espanha, Portugal e outros. Portanto, se o cenário era ruim, ou péssimo, ele, atualmente beira a catástrofe.

É desse ponto de vista que a juventude e a classe trabalhadora no Brasil podem – e *ousa* dizer, necessitam – tirar lições das tarefas que se colocam atualmente, e permite, inclusive, uma unidade articulada de estudantes – que serão futuros trabalhadores na imensa maioria, quando já não o são – e a classe trabalhadora contra o horizonte do desemprego em massa, da miséria econômica e social, fruto do sistema capitalista de produção.

3 Conferir: G1. (*Estudante de medicina fica sem FIES e acumula dívida de quase R\$ 20 mil*) - <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/05/estudante-de-medicina-fica-sem-fies-e-acumula-divida-dequase-r-20-mil.html>
4 Conferir: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0903201001.htm>